

## **LENDO O ESPAÇO URBANO NA ESCOLA E NA UNIVERSIDADE: DUAS PROPOSTAS DE EXERCÍCIOS**

*Roberta Martinelli e Barbosa<sup>1</sup>  
Rodrigo Rinaldi de Mattos<sup>2</sup>*

Resumo: O presente artigo discute, a partir de duas experiências de atividades desenvolvidas no âmbito do ensino fundamental e universitário, a importância da reflexão sobre a cidade e o desenho urbano.

Palavras-chaves: Ensino de História – Cidade – Desenho Urbano – Projeto Urbano.

---

<sup>1</sup> Professora de História do Colégio Pedro II, do *Campus* Humaitá II. Doutoranda em História Social da Cultura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense em 2001.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutor em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2008 e Mestre em Urbanismo pela mesma instituição em 2003.

Em que sentido a cidade é sinônimo de sociabilidade, embora tenha se tornado hoje sinônimo de individualismo e de anonimato? A Idade Média opõe a cidade, lugar de civilização, ao campo, lugar de rusticidade. E, num mesmo movimento, afirma sua altivez num desejo de construir em direção ao céu, uma verticalidade expressa pelas torres medievais de San Gimignano, na Itália, tal como as de Manhattan, hoje [...] O orgulho urbano é feito da imbricação entre a cidade real e a cidade imaginada, sonhada por seus habitantes e por aqueles que a trazem à luz, detentores de poder e artistas.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**, p. 119.

Alguma vez você parou para refletir sobre qual é a *boa forma da cidade?* (LYNCH, 1981). Ou “quando a rua vira casa”? (DOS SANTOS, 1985). Utilizou seu tempo para pensar sobre “a cidade que temos e a cidade que queremos”?<sup>3</sup> Essas perguntas, embora tenham um tom inocente, foram cunhadas por especialistas em cidade. Profissionais, entidades, professores com diferentes enfoques, mas com o mesmo propósito: pensar a relação entre o artefato e o artesão, a cidade e o cidadão.

O modo como observamos nossas cidades, como as vivenciamos, media o modo como a transformamos. As cidades ganham forma e essência a partir da ação dos diversos agentes sociais que nela vivem e transformam sua matriz natural, movidos, em larga medida, pelos valores sociais, econômicos, tecnológicos e culturais de uma dada conjuntura histórica. Neste sentido, fazendo referência a passagem do texto que abre o presente

---

<sup>3</sup> Termos adotados pela metodologia sugerida pelo Estatuto das Cidades. Ver: [www.cidades.gov.br](http://www.cidades.gov.br)

artigo, a profusão de igrejas que se destacam na paisagem urbana medieval bem como a “verticalidade das torres” concretizam no espaço a religiosidade cristã tão presente no cotidiano daqueles tempos. A cidade “luminosa”, lugar da civilização, tinha os seus limites delineados pela muralha que a separava do campo, lugar da “rusticidade” tenebrosa. Nas cidades contemporâneas os limites entre a *urbes* e o campo não estão mais ao alcance dos nossos olhos. Ao longo dos séculos a malha urbana cresceu, espalhando-se a perder de vista. No século XXI o ritmo intenso dos centros urbanos só nos permite olhar com alguma razoabilidade para o *antes* e para o *depois*, nunca para o *entre*, que sempre se apresenta como uma imagem borrada. Cabe indagarmos: a verticalidade das torres contemporâneas concretiza a expressão de quais desejos?

A cidade é um organismo complexo, para iniciados. Requer pouco esforço para vivenciá-la, mas muito trabalho para compreendê-la, sobretudo em um ambiente no qual o tempo é experimentado cada vez mais de uma forma mais rápida. A transformação informacional que observamos nas últimas três décadas, potencializou essa condição de forma vertiginosa, colaborando, em larga medida, para dificultar a leitura da cidade.

Serão as cidades de difícil leitura necessariamente uma das expressões da desigualdade social que subjaz as relações sociais no espaço? Jacques Le Goff chama atenção que a cidade medieval, símbolo da luz, também foi associada em alguns discursos, como os de São Martinho e os dos franciscanos do século XIV, a aspectos “tenebrosos” e do “demônio”, tais como o lucro e o vício (LE GOFF, 1988, p. 120). Portanto, seguindo a

metáfora da “luz” e das “trevas”, se por um lado as cidades contemporâneas constituem-se espaços cosmopolitas, que agregam, lugar das inovações e onde as coisas “acontecem”, por outro, também segregam, promovem a exclusão de minorias e a proliferação de vários tipos de violência. Como propõe Zygmunt Bauman a cidade pode ser vivida, simultaneamente, como o espaço da liberdade e o da insegurança (BAUMAN, 2003). Grande parte dos cidadãos que habitam os grandes centros urbanos, olham para o espaço, mas não o veem, no sentido que não se mobilizam para compreendê-lo, problematizá-lo e decifrá-lo. Trabalhar o olhar do habitante abre a possibilidades de o mesmo exercer a cidadania, e quiçá se habilitar como artesão da cidade. Insistir na perspectiva de análise que procura identificar os sujeitos que são e podem ser protagonistas no pensar e projetar a *boa forma das cidades*, implica em ultrapassar a imagem do espaço urbano como mero “espelho” ou “reflexo” de uma realidade exterior a ele. A forma urbana é uma das dimensões constitutivas da realidade e, portanto, passível de intervenção dos diversos indivíduos que habitam a cidade, não só os profissionais da área.

Baseado nessa aposta de que é fundamental trabalhar o olhar sobre a cidade, consideramos importante que a reflexão sobre a forma urbana esteja presente no currículo escolar da educação básica – desde o primeiro segmento do Ensino Fundamental até o Ensino Médio –, a fim de sensibilizar o “olhar” dos estudantes para o espaço urbano em que vivem e de desenvolver no aluno a habilidade da leitura em seu sentido amplo. O aluno/leitor como aquele indivíduo capaz de ler os textos escritos que lhes

são oferecidos, apropriando-se destes de forma crítica e produzindo novos significados. Mas também um indivíduo capaz de “ler” uma imagem, um mapa, um gráfico, ou o espaço urbano. Em suma um leitor que se mostre capaz de “transitar entre o mundo da leitura e a leitura do mundo” (MATTOS, 2007), e, deste modo, estar apto em intervir como autor sobre a realidade transformando-a.

A seguir apresentamos o relato de duas experiências distintas que tiveram como proposta trabalhar com a leitura e intervenção sobre a cidade: uma no âmbito do segundo segmento do Ensino Fundamental no *Campus Humaitá II* do Colégio Pedro II, e a outra no nível universitário entre estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mesmo compreendendo que o enfoque e o propósito nos dois casos são distintos, é possível afirmarmos que os alunos, invariavelmente, têm dificuldade em trabalhar com a complexidade do espaço urbano, mesmo entre aqueles que optaram pela graduação em Arquitetura e Urbanismo, situação esta que se transforma com o desenrolar da atividade.

I - Construindo o “Mapa Animado”: uma proposta interdisciplinar em turmas do 6º ano do CPII.

No ano de 2012, no âmbito do “*Projeto Memória e Identidades*”<sup>4</sup> desenvolvido pelo corpo docente do *Campus Humaitá II* do Colégio Pedro II,

---

<sup>4</sup> O “Projeto Memória e Identidades” envolveu toda a comunidade escolar e teve como objetivo mais amplo refletir e comemorar os 60 anos de fundação do *Campus Humaitá II*. Tomando como base essa proposta inicial, foram estabelecidos temas específicos a

foi proposto aos alunos das turmas do 6º ano a confecção de um “Mapa Animado”. Esta atividade, envolveu o trabalho integrado dos professores de História, Geografia, Ciências, Informática Educativa e Desenho<sup>5</sup> –, e teve como objetivo principal possibilitar a reflexão sobre as transformações da geografia, da cidade e dos bairros no entorno do *Campus* Humaitá II ao longo dos últimos 60 anos, estabelecendo um diálogo entre “passado” e “presente”. Tais conceitos por serem termos de uso comum inseridos no cotidiano dos alunos, passam a eles a impressão de que não há necessidade de discuti-los. A aula de História deve ser um momento oportuno para a reflexão sobre as noções de “tempo” e “espaço” procurando problematizá-las e fazer com que deixem de soar naturais (BARBOSA, Roberta Martinelli & VARGAS, Silvana Bandoli. Junho 2010).

A partir da leitura de um texto contando um pouco sobre a história do bairro Humaitá desde o século XVII até o século XXI, foram introduzidas as noções de “passado recente”, “passado mais distante” e “passado ainda mais distante”. O texto também possibilitou explorar a partir de suas informações como era o espaço geográfico do atual bairro Humaitá em tempos diferentes. Foi proposto aos alunos que completassem o quadro comparativo reproduzido abaixo:

---

serem trabalhados com os alunos pela equipe de professores sob a orientação do coordenador de série. Sendo assim, no segundo segmento do Ensino Fundamental o 6º e 7º anos ficaram responsáveis em refletir sobre as transformações da geografia, da cidade e dos bairros no entorno do *Campus* Humaitá II ao longo dos últimos 60 anos.  
<sup>5</sup> Os professores envolvidos nesta atividade foram: Ana Paula Pitta e Siddharta Dias de Almeida Fernandes (Informática Educativa), Roberta Martinelli e Barbosa e Cristiano Campos (História); Neiva Barbalho Moraes (Geografia), Érica Menezes e Cristina Weissmann Salles (Desenho), Leonardo Garcia (Ciências).

<b>Época</b>	<b>Tipos de Moradias</b>	<b>Meios de transportes existentes</b>	<b>Pontos de referência</b>	<b>Outras informações importantes</b>
<b>Séculos XVII e XVIII</b>				
<b>Século XIX</b>				
<b>Século XX</b>				
<b>Século XXI</b>				

Simultaneamente, nas disciplinas de Geografia e de Ciências, os alunos estudaram o conceito de paisagem. Aprenderam a identificar as diferentes funções da paisagem no espaço urbano, por exemplo: as funções de lazer, de escola, de área comercial. Foram estimulados a perceber a paisagem natural e descobrir que o tempo da natureza é diferente do tempo histórico, ou seja, tomando como exemplo o próprio espaço do bairro Humaitá: o morro do corcovado é um elemento natural que permanece na paisagem ao longo dos séculos. Ao passo que a paisagem urbana sofreu grandes mudanças ao longo deste mesmo período de tempo. Entender o

espaço não apenas em sua dimensão física mais também, e, sobretudo, em seu aspecto social, sublinhando os tipos de relações e sociabilidades nele travadas pelos diferentes indivíduos e grupos sociais em tempos históricos distintos.

Na disciplina de Informática Educativa, os professores trabalharam o espaço do bairro Humaitá na atualidade utilizando o *Google Earth*. Os alunos criaram ícones (construções históricas, residências, comércio, Hospital, Bombeiros, paisagem natural) com o objetivo de constituírem a legenda do mapa animado em elaboração. Criaram também um personagem comemorativo do Colégio Pedro II. Os professores de Informática trabalharam com as turmas a técnica da animação. Propuseram dois exercícios: o primeiro foi a criação de um personagem comemorativo do Colégio Pedro II. O exercício foi fazer este personagem andar pelo mapa ou por imagens antigas selecionadas contando um pouco a história do *Campus Humaitá II* e do bairro. O segundo exercício foi uma interferência numa imagem atual da rua do Humaitá em frente a porta da escola. A proposta foi fazer uma animação imaginando se ainda passassem bondes ali.

Ainda nesta primeira etapa da atividade foi feito um passeio com as turmas em algumas ruas do bairro Humaitá com o objetivo de realizar uma pesquisa de campo. Aos alunos foi apresentado o seguinte roteiro para a pesquisa de campo:

1. **OBSERVAR** e **REGISTRAR** as marcas do passado na paisagem urbana. Por exemplo, observem que uma rua possui casas e edifícios ligados a tempos diferentes. Tentem identificar a época/ano dessas



construções. Quais remontam de um passado mais distante? Quais foram construídas em um passado não tão distante assim e quais foram recentemente erguidas? As casas mais antigas hoje são espaços utilizados para quais finalidades?

2. **COMPARE** o que vocês observaram e as fotos que vocês tiraram com fotos antigas do bairro: o que mudou? O que permaneceu?

3. **REGISTRAR** e **DESCREVER** as diferentes funções da paisagem (exemplo: função de lazer, de escola, etc.).

4. **OBSERVAR** e **REGISTRAR** os pontos de referência presentes na rua.

5. **IDENTIFICAR** os espaços de encontro. (O que as pessoas fazem ali? Que grupos sociais freqüentam esse espaço?)

6. **IDENTIFICAR** os tipos de pessoas (“personagens”) que circulam pelas ruas do bairro. Se as pessoas permitirem tire fotografia delas (por exemplo: o jornaleiro, o feirante, etc.)

7. **OBSERVAR** e **REGISTRAR** a paisagem natural.

8. **DESENHAR** uma planta situação.

Ao longo do passeio pelo bairro os alunos registraram indícios de um passado ainda presente na paisagem urbana: o ano da construção dos antigos sobrados (1902, 1914, etc.); a antiga numeração ao lado da numeração atual em algumas residências da rua Viúva Lacerda; os antigos trilhos da estação de Bondes e Ônibus no atual Mercado da Cobal; só para citar alguns exemplos. Foi solicitado, pelas professoras da disciplina de Desenho, que os alunos observassem a forma urbana do bairro, para que

depois elaborassem em uma folha de cartolina uma planta situação, na qual deveriam identificar as quadras do bairro, os lotes com suas respectivas edificações (residenciais e comerciais, áreas de lazer). Este exercício específico teve como propósito trabalhar a noção de escala.

Em um segundo momento os alunos levaram para a aula de Informática Educativa o material pesquisado e fizeram, sob a orientação dos professores, uma análise das fotos que tiraram e das entrevistas que realizaram. Foi solicitado pelos professores de História, Geografia e Ciências que os alunos reunidos em grupos selecionassem cinco fotos por eles tiradas ao longo do passeio. Para cada uma delas os alunos tiveram que escrever um pequeno texto apresentando uma reflexão sobre a imagem. Eles poderiam destacar elementos da paisagem natural, da paisagem urbana ou as mudanças e permanências observadas naquele espaço ao longo do tempo.

Os professores corrigiram os textos e sugeriram algumas alterações. O material corrigido estava pronto para ser então utilizado na confecção do Mapa Animado. O Mapa Animado apresenta uma série de animações feitas pelos alunos em imagens antigas ou recentes: o bonde passando em uma fotografia da atualidade, uma proposta de brincar com o passado e o presente; imagens antigas do espaço onde hoje é o bairro Humaitá e Botafogo com animações dos antigos meios de transportes: barcos, bondes puxados a burro, carroças; ou ainda, animações feitas em fotografias tiradas pelos alunos de antigas casas e vilas mostrando hábitos característicos de “outros tempos” como a entrega do leite na porta de casa.

Algumas das descobertas feitas em meio as entrevistas e conversas realizadas na pesquisa de campo. Puderam perceber também que certas práticas sociais e relações de sociabilidade associadas no nosso imaginário a um “passado” ainda podem ser observadas, ainda que não com tanta frequência, em algumas ruas menos movimentadas e sem saída dos bairros, como, por exemplo, a carrocinha que passa tocando sua “buzina” e vendendo pão às 16:00 horas da tarde.

Após a sequência de animações é apresentado o mapa do bairro Humaitá e sua respectiva legenda elaborada pelos alunos. Ao clicar, por exemplo, no ícone “construções históricas”, o mapa faz um *link* com todas as imagens e textos produzidos pelos alunos, sobre o referido tema. Assim como podemos clicar no ícone “paisagem natural” e ter disponível o *link* com as imagens e textos produzidos pelos os alunos sobre esta temática. O “Mapa Animado” produzido pelos alunos do 6º ano do Colégio Pedro II do *Campus* Humaitá II é um produto que pode ser utilizado inclusive como material didático-pedagógico pela própria escola. Esta atividade interdisciplinar possibilitou que os nossos alunos refletissem sobre o espaço urbano do bairro Humaitá e criassem, em forma digital, uma representação deste espaço.

## II - Breve relato sobre a disciplina de Projeto Urbano da PUC-Rio

O Curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- RJ), criado em 2002 e alçado a departamento em maio de 2015, está, em grandes linhas, organizado a

partir de suas disciplinas de projeto. São 12 horas semanais, em dois dias da semana, nos quais o aluno experimenta um ambiente de ateliê orientado por professores de projeto, e uma série de outros professores especialistas que variam de acordo com a abordagem projetual e programática.

A disciplina de “Projeto Urbano” <sup>6</sup>é oferecida quando os alunos chegam ao sexto período do curso de Arquitetura e Urbanismo. O recorte escolhido de análise, na última década, é a região metropolitana do Rio de Janeiro, abrangendo a capital e, mais recentemente, Niterói. Muito embora seja uma disciplina eminentemente transescalar, foram objeto de estudo e projeto, prioritário, os bairros da Gávea, Botafogo, Zona Portuária (Centro), São Cristóvão, Vargens, Curicica (Jacarepaguá) e, nos últimos dois semestres, a região Oceânica em Niterói. Transitando da escala 1/50.000 à escala 1/500 com ênfase nas escalas 1/5.000 e 1/1.000.

Na disciplina seguimos conceitualmente as duas perguntas realizadas pelo Estatuto da Cidade: qual a cidade que temos e qual a cidade que queremos? E, mesmo que de forma subjacente, dividimos o trabalho em duas partes orientadas por essas duas perguntas. Uma fortemente marcada por um diagnóstico, consolidado em uma matriz SWOT e um mapa síntese e, outra, focada no planejamento e no projeto urbano.

Ao longo dos anos experimentamos diversos formatos e abordagens, por vezes priorizando a etapa de análise da cidade, diagnóstico e em outros

---

<sup>6</sup> O relato acima corresponde a uma síntese do escopo da disciplina, sendo os professores envolvidos na concepção desta: Maria Fernanda Campos Lemos, Luis Carlos Soares Madeira Domingues, Rodrigo Rinaldi de Mattos e Ricardo Esteves.

momentos, quando o acesso a informações mais qualificadas permitia, orientamos a disciplina para o estudo e projeto da forma urbana. A opção pela forma urbana sempre esteve entre as prioridades por ser esta uma das habilidades que distingue o profissional arquiteto urbanista dos demais, que igualmente intervêm na cidade. Não obstante, essa decisão nunca foi fácil pois a habilidade do profissional em lidar com esta complexidade está, igualmente, relacionada a capacidade de ouvir e dialogar com todos que vivem e constroem a cidade.

O relato que segue corresponde a experiência consolidada dos dois últimos anos, onde antecipamos exercícios projetuais mais livres para o início do período, dividimos o semestre em exercícios e pontos de controle com intervalos inferiores a três semanas e priorizamos a prática projetual.

A disciplina arq1106, como é conhecida administrativamente, está organizada em 6 módulos, os dois primeiros orientados para a qualificação do olhar do aluno e os quatro restantes orientados para a intervenção projetual a partir da metodologia de análise de risco SWOT<sup>7</sup>.

O primeiro módulo trabalha a partir da experiência pessoal, reconhecendo no espaço de vivência e os elementos morfológicos que compõem a forma urbana. No segundo módulo, ainda dentro de uma perspectiva de qualificação e sensibilização, o aluno realiza, em grupo, uma intervenção numa escala mais abrangente, em relação ao exercício anterior. Em ambos os casos autores seminais são utilizados como referência.

---

<sup>7</sup> Em português esta sigla é traduzida por “fraquezas e fortalezas, ameaças e oportunidades”.

O terceiro módulo corresponde ao diagnóstico. Os alunos são divididos em grupos com responsabilidades complementares. Todos precisam levantar informações gerais sobre temas estruturantes, mas cada grupo fica responsável por levantar um tema específico e complementar.

Nesta etapa os alunos trabalham na construção de mapas temáticos e mapas síntese nas escalas de planejamento e projeto urbano. Estes mapas são orientados por uma análise SWOT que o precede, consolidando as diretrizes de intervenção.

O quarto módulo organiza e expressa as intenções de projeto com destaque para os assuntos relacionados à mobilidade, sistema de espaços livres com infraestrutura verde e, por fim um mapa de uso do solo com delimitação dos parâmetros urbanísticos, sendo eles taxa de ocupação e permeabilidade, gabarito e índice de aproveitamento de área ou terreno. Nessa etapa os alunos trabalham na escala 1/5000. As propostas são individuais.

O quinto módulo trabalha preferencialmente as questões de ordem volumétrica ou plano de massa. Tem ênfase na forma urbana e deve estar em consonância com as estratégias destacadas e representadas no módulo anterior. Nesta etapa os alunos trabalham na escala 1/2.000 e as propostas são individuais. Nesse momento e no seguinte o aluno revisita a experiência realizada nos dois primeiros módulos, mas dentro de uma visão mais aguçada é crítica.

O sexto e último módulo desce a escala da rua e da implantação, avançando até a escala 1/500 ou, se for justificável, escalas ainda menores.

Nesse momento volta a se aproximar das escalas iniciais da disciplina assim como as que experimentou ao longo de toda a faculdade, com enfoque mais arquitetônico.

A proposta transescalar traz inegáveis dificuldades para um aluno com um viés mais acostumado a trabalhar com a dimensão da edificação, habituado a projetar em escalas próximas a 1/100. Os exercícios iniciais colaboram para ampliar a competência espacial do aluno e, mesmo estando dentro das expectativas da disciplina, não é suficiente para a plena proficiência no tema. Tal constatação reitera a importância de abordar a noção de escala ainda no âmbito do Ensino Básico, sendo a atividade desenvolvida no *Campus Humaitá II* do Colégio Pedro II um dos exercícios possíveis para a construção desta noção.

A cidade é certamente um objeto de reflexão dos arquitetos e urbanistas. Mas não é exclusividade desses ou mesmo de um grupo maior de especialistas. A cidade pertence a todos, e todos devem estar capacitados a vivenciá-la e transformá-la da forma mais plena possível. Um ponto comum às duas propostas de atividades descritas anteriormente é a de que ambas partiram de uma experiência e vivência dos alunos em um espaço da cidade, para posteriormente refletir sobre este e, então, pensar formas de representá-lo e de intervir neste espaço (no caso dos alunos universitários). Sensibilizar, desde cedo, o olhar do aluno sobre a “forma urbana” a partir da própria experiência destes no espaço urbano, é um caminho possível para que o indivíduo se envolva e participe das questões concernentes a sua cidade.

O tema urbano certamente não se esgota em um semestre dentro do curso de arquitetura e urbanismo, ou em uma experiência pontual no ensino básico. Todo o exercício sobre o tema é relevante, mas dada a sua complexidade e o seu caráter mutável é fundamental que este seja trabalhado com a maior frequência possível. Investir na vivência dos alunos no espaço urbano significa também apostar no desejo de formar pessoas preocupadas com a dimensão coletiva da cidade.

As duas propostas de atividades também evidenciam que, guardadas as especificidades dos ensinos básico e universitário, existem temáticas, como por exemplo a cidade, que são objetos de reflexão comuns. Neste sentido, seria interessante promover também o diálogo entre alunos e professores do ensino básico e universitário por meio da troca de suas experiências.

#### Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003
- BARBOSA, Roberta Martinelli e & VARGAS, Silvana Bandoli. “História: Tempo, Espaço e Sociabilidades” In: **Encarte do Professor da Revista de História da Biblioteca Nacional**. Nº 57, junho 2010.
- \_\_\_\_\_. “Memória e História”. In: **Encarte do Professor da Revista de História da Biblioteca Nacional**. Nº 53/fevereiro 2010.
- DOS SANTOS, Carlos Nelson Ferreira. **Quando a rua vira casa**. Rio de Janeiro, FINEP/IBAN, 1985.
- LE GOFF, Jacques. **Por Amor às cidades – conversações com Jean Lebrun**. São Paulo, UNESP, 1988.
- LYNCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. Lisboa, Edições 70, 1981.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. “ ‘Mas não somente assim!’ Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História” In: **Revista Tempo**. Volume 11, número 21. Niterói, UFF, junho 2007, p. 5-16.

\* \* \*



**READING THE URBAN SPACE WITHIN SCHOOL AND  
UNIVERSITY: TWO PROPOSALS OF EXERCISES**

Abstract: The present paper analyses two experiences of bringing together teaching and research activities within the elementary school and the higher education, in which the axis lies in the importance of thinking about the city as well as the urban design.

Keywords: Teaching of History – City – Urban Design - Urban Project.

*Recebido em: 29/05/2015  
Aprovado em: 30/06/2015*